

HISTÓRIAS DE PESSOAS

Pedro, um sapateiro à sua porta. E até arranja Louboutin

Desde janeiro que o sapateiro de 47 anos percorre a Grande Lisboa para consertar, numa carrinha que vai de porta em porta, todo o tipo de sapatos. Aprendeu num estágio de formação profissional em que até se interessou mais por replicar chaves

INÊS BANHA

Quando, há “15 ou 16 anos”, Pedro Miguel iniciou um estágio de formação profissional no sapateiro de um centro comercial da Grande Lisboa para tentar sair do desemprego, até se interessou mais pela reprodução de chaves do que pelo arranjo de sapatos. Hoje, aos 47 anos, acredita ser o único sapateiro da capital e, talvez, do país que conserta sapatos ao domicílio. A oficina móvel, complementar à que explora em Campolide (Lisboa), funciona numa carrinha azul onde, para conseguir fazer quase tudo, só falta uma máquina de coser.

“Espero tê-la a partir deste verão”, adianta o lisboeta, sem conter um suspiro pelo investimento de 700 euros que representa a sua aquisição. Coser sapatos é uma das poucas tarefas que, por agora, não consegue levar a cabo no veículo onde, desde janeiro, já arranjou calçado desde o mais barato ao considerado de luxo.

“Nunca pensei sair dos chana-tos e andar com os Ferrari dos sapatos”, assegura, entre risos, ao DN, na memória ainda bem presente o que sentiu da primeira vez que lhe pediram para consertar um par de Louboutin, que pode chegar a custar um milhar de euros – uma novidade que resulta da particularidade de já ter viajado com a oficina móvel até locais como o Parque das Nações, em Lisboa, a Quinta da Beloura, em Sintra, e Cascais.



Veículo é uma autêntica oficina móvel e é um complemento à loja de Campolide

“Nunca pensei”, repete Pedro Miguel, que teve a ideia de criar um serviço ao domicílio há mais de dois anos. Os tempos que se seguiram dedicou-os a procurar “ajudas e incentivos”... até se convencer de que os “não há”. A solução passou então por pedir um crédito a um banco, acabando por ser integrado num regime de microempreendedorismo.

A carrinha começou a circular em janeiro e, além do aumento e diversificação de clien-

tes, permite também poupar nos custos de deslocação que o Sapateiro Expresso teria para recolher e entregar no mesmo local o que necessitava sempre de consertar na oficina de Campolide.

Quando, há 15 anos, aprendeu o ofício, estava desempregado

O espaço, perto do cruzamento da Rua Dom Carlos de Mascarenhas com a Calçada da Quintinha, nasceu em 2009, no lugar de um antigo café. “Eu sou nascido e criado aqui em Campolide”, justifica, depois de recordar o percurso que o fez voltar a casa.

Ao estágio realizado no âmbito de um programa do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) seguiu-se a exploração de uma loja em Queluz (Sintra). Quatro anos depois, mudou-se para o Mercado de Alcântara, em Lisboa. Sempre dedicado à arte de prolongar a vida do calçado e com a reprodução de chaves a tornar-se, entretanto, secundária.

Longe vão os tempos em que fez “um pouco de tudo”, trocados por um futuro recheado de projetos destinados a aproveitar, como sapateiro, as oportunidades que a vida deu. “O trabalho não me assusta”, conclui.

UM PONTO É TUDO



FERREIRA FERNANDES
 Jornalista

Eu, Cro-Magnon, me confesso: há quem comunique melhor

O que vou contar aqui será sob uma forma rudimentar. Este comunicar antigo e ultrapassado, daquele redondinho “O” com que começo a crónica até este último sinal, esse pauzinho “l” antes da vírgula aí atrás, já me levou cerca de cem caracteres. Com esforçados desenhos, que juntos uns aos outros tentam laboriosamente exprimir uma ideia. Ora, o que quero contar, o essencial do jogo Mónaco-Juventus de ontem, foi logo nos minutos seguintes bem contado, de forma assertiva, inteligente e atraente, falando para todos, fosse o destinatário russo, francês ou chileno. E eu ainda aqui estou sem me desvencilhar... Lá vai: ainda não ia decorrido o primeiro minuto do jogo, o defesa italiano Chiellini estrebuchou nas próprias pernas, deixou fugir a bola e, vendo ele que o nosso Moutinho (jogador do Mónaco) ia fugir com ela, mergulhou e agarrou-a com a mão. Foi o único assunto notável dum jogo para o qual nos estamos, eu e o leitor, razoavelmente nas tintas. Menos para o tal episódio, que correu mundo – o que pode surpreender quem só sabe dele agora, pela forma antiga de o contar, a escrita. Mas no Twitter surgiram dezenas de montagens (sempre da mesma foto de Chiellini) com o italiano a recolher a bola sob um carro, a competir com LeBron James como se fosse basquetebolista, em braçadas entre peixes, a voar como o Super-Homem sobre Nova Iorque, esticado a escalar uma rocha... Digo-o, resignado, o assunto foi mais bem tratado do que eu aqui o faço.



A sua segurança primeiro.

Nas passagens de nível respeite sempre a sinalização.

